

## **ADULTIZAÇÃO DE CRIANÇAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: O DESAPARECIMENTO DA INFÂNCIA E A CONSTRUÇÃO DE UM “NOVO VELHO SUJEITO”**

Marta Valéria Silva Araújo  
*Universidade Estadual da Paraíba – UEPB*  
Email: [martavalerya@hotmail.com](mailto:martavalerya@hotmail.com)

Soraya Maria Barros de Almeida Brandão  
*Universidade Estadual da Paraíba - UEPB*  
Email: [sorayambrandao@gmail.com](mailto:sorayambrandao@gmail.com)

**Resumo:** O presente estudo trata-se de um recorte da pesquisa em andamento do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, intitulado: “O discurso midiático no processo de normatização e adultização da criança: o desaparecimento da infância e suas implicações na prática educativa”, cujo objetivo constitui-se em analisar a influência da mídia no processo de normatização e adultização da criança, considerando que, cada vez mais, as crianças são expostas a diversos estímulos pertencentes ao mundo adulto. No tocante aos procedimentos metodológicos, o estudo qualitativo, envolveu um levantamento bibliográfico, fundamentalmente em observância aos aspectos midiáticos no processo de adultização da criança, bem como a análise de dados referente a imagens veiculadas na internet e na mídia televisiva. Nesse cenário, observa-se que não há uma “divisão” clara entre adultos e crianças, uma vez que comportamentos, características e práticas de consumo se confundem entre esses dois sujeitos. Como suporte teórico, nos apoiamos nos estudos de Ariès (1981), Postman (1999), Rousseau (2004), Dornelles (2005) e Foucault (1989). Esses estudos nos mostram fatores que tendem a influenciar o comportamento infantil, estimulando-os a agirem como pequenos adultos. Nesse sentido, é importante que se tenha um olhar crítico sobre a influência midiática no comportamento de nossas crianças, em processo de formação, apontando para a necessidade de um olhar cuidadoso para com as experiências proporcionadas a estas com vistas a promover atividades voltadas para a especificidade e particularidade do mundo infantil, distanciando-as do mundo adulto. Acreditamos que a escola, juntamente com a família, deve manter um diálogo permanente nesse sentido, garantindo o direito da criança de viver a sua infância.

**Palavras chaves:** Criança. Desaparecimento da infância. Discurso midiático.

### **INTRODUÇÃO**

Demandas atuais por uma Educação Infantil de qualidade, procedentes das novas políticas educacionais em que compreendem a criança como sujeito histórico e de direitos, vêm provocando discussões em torno da significação da infância, bem como desse nível de educação e da nova

postura dos educadores frente ao processo de desenvolvimento da criança. Saber da concepção de criança e de infância ao longo do tempo nos traz marcas que determina a forma como a sociedade e, conseqüentemente, a escola lida com esses sujeitos hoje. Nesse sentido, elegemos como foco do presente estudo, a influência da mídia no processo de normatização e adultização da criança, considerando que, cada vez mais, as crianças são expostas a diversos estímulos pertencentes ao mundo adulto, o que reflete nas práticas pedagógicas a elas destinadas.

Vale ressaltar que a infância é uma categoria permanente, resultado de uma construção biopsicossocial, o que implica dizer que existem diferentes infâncias em diferentes tempos e espaços. Do período medieval até o século XII a criança era considerada como afirma Ariès (1981) um adulto em miniatura, não havendo diferença nos traços físicos e nas vestimentas. Em outras palavras, ambos, adultos e crianças, eram representados por meio de estátuas e pinturas enfatizando as mesmas formas e características, apenas, no caso das crianças, reproduzidas numa escala menor.

A concepção de infância e criança que socialmente vem sendo construída e estabelecida pela sociedade na contemporaneidade apresenta um sujeito com características muito peculiares para a época, o que nos leva a assistir a construção de um “novo velho sujeito” e, porque não dizer, a volta de uma infância marcada por práticas adultocêntricas.

Tal afirmação vai de encontro aos estudos de Neil Postman, tendo como referência uma de suas mais importante obra intitulada “O desaparecimento da infância”, em que o autor logo no Capítulo 1, “Quando não havia criança”, afirma que garotas de doze a treze anos são as modelos mais bem pagas dos Estados Unidos. Segundo Postman (1999), essas garotas são apresentadas ao público como se fossem mulheres adultas, espertas e, sexualmente, atraentes, expostas num ambiente de erotismo, cujo símbolo valoriza a personifica a idade adulta.

Postman (1999) afirma que no decorrer dos XVIII e XIX torna-se visível a diferença entre crianças e adultos. Nesse período, muitos artefatos começam a surgir diferenciando crianças e adultos, a exemplo da pediatria infantil, a literatura infantil, lançamento de livros escolares seriados, bem como a organização de classes escolares de acordo com a idade cronológica das crianças, o que caracterizava a estrutura do desenvolvimento infantil. Isso levou a uma nova concepção de infância, em que se entendia que a criança era importante em si mesma, devendo ser valorizada em sua individualidade, ideias estas defendidas por Rousseau (2004).

Ao tratar dessa nova concepção de infância, Postman (1999, p.29) traz como crucial na diferenciação entre adultos e crianças a ideia de vergonha quando diz que:

Poderíamos dizer que uma das principais diferenças entre um adulto e uma criança é que o adulto conhece certas facetas da vida – seus mistérios, suas contradições, sua violência, suas tragédias – cujo conhecimento não é considerado apropriado para as crianças e cuja relação indiscriminada é considerada vergonhosa.

Na atual configuração social, tem se tornado cada vez mais evidente a indiferenciação entre crianças e adultos. Ambos veem os mesmos programas de TV, têm refeições iguais, vestem-se iguais e vivem a correria do dia a dia, isto é, as crianças estão sendo introduzidas no cotidiano dos adultos assumindo responsabilidades e ocupando-se de uma rotina que rompe com as fronteiras adulto/criança, assim como seus ritos de passagem. Essa forma adultizada em que as crianças vivem contrapõe-se, em parte, ao conceito atual de infância, que considera as particularidades e especificidades da criança. Sob essa análise, nos remetemos ao medievo e, assistimos, mais uma vez, a representação da criança como um adulto em miniatura. Não estamos aqui querendo dizer que a criança volta a não existir como um elemento significativo no mundo dos adultos, mas, na nossa compreensão, muitas crianças perderam a infância e o tempo de brincar, ou seja, o tempo de serem crianças, simplesmente.

Para Postman (1999), os significados da infância são moldados na esfera da cultura e não pelo biológico. Assim sendo, a infância é um produto cultural e histórico. Não temos, portanto, uma infância única, natural e atemporal. Com isso, o autor deixa claro que o surgimento ou o desaparecimento da infância está diretamente relacionado com os modelos de sociedade existente.

## **METODOLOGIA**

Como já mencionado, O presente estudo trata-se de um recorte da pesquisa em andamento do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, intitulado: “O Discurso midiático no processo de normatização e adultização da criança: o desaparecimento da infância e suas implicações na prática educativa”. Saber dessas implicações no processo de construção do sujeito, certamente, põe marcas na ação pedagógica junto a crianças. Nesse sentido, elaboramos o problema desta pesquisa, enunciando-o nas seguintes questões: Qual a influência da mídia na construção dos sujeitos? De que forma a mídia influencia no desaparecimento da infância?

Traduzindo o problema em objetivos, temos como objetivo geral: analisar significados que educadores e famílias usuárias de creches dão à educação infantil.

Para abordarmos a problemática aqui delimitada, utilizamos a pesquisa qualitativa, por entendermos que essa abordagem é a que melhor atende à natureza das questões aqui levantadas,



tendo como objeto de investigação imagens veiculadas na internet e na mídia televisiva. Segundo Goldenberg (1999, p.p. 49, 50), [...] os métodos qualitativos enfatizam as particularidades de um fenômeno em termos de seu significado para o grupo pesquisado. É como um mergulho em profundidade dentro de um grupo ‘bom para pensar’ questões relevantes para o tema estudado.

A viabilização dessa pesquisa demandou um levantamento bibliográfico com base nos estudos de Ariès (1981), Postman (1999), Rousseau (2004), Dornelles (2005), Foucault (1989), bem como uma investigação de imagens veiculadas na internet e na mídia televisiva que revelam a adultização da infância. Aqui, como se trata de um recorte da pesquisa do TCC, selecionamos apenas três imagens.

## **RESULTADOS E DISCUSSOES**

Seguindo os passos pretendidos neste estudo, selecionamos três imagens disponíveis na internet, cujo conteúdo aponta para o processo de adultização. A análise ora realizada tem como destaque os estudos de Postman (1999), que apontam que a infância está “desaparecendo”, colocando a mídia como ponto central nesse desaparecimento. Em relação a isso, o autor faz uma crítica ao uso das mídias quanto a sua facilidade em permitir o acesso da criança ao universo adulto, um universo que contém informações que antes eram restritas e que agora circulam pelas mídias, tais como TV, internet, revistas, etc., as quais são de fácil acesso para as crianças. Em concordância com Postman (1999), entendemos que a infância está “desaparecendo” no sentido de que muitas crianças, independente da situação sócio econômica, têm vivenciado novos espaços reconfigurados para atender a urgência do mundo cibernético sob a influência midiática advindas de uma cultura adultocêntrica, que tem promovido, ao público infantil, novos e encantadores redutos de consumo, com novas formas de disciplinamento e desejos, produzindo um “novo velho sujeito”: o adulto em miniatura ou pseudo-adultos.

Com base nisso, Postman (1999) afirma que o desenvolvimento da mídia eletrônica, sobretudo a televisão, transformou a infância, uma vez que esta traz modificações de suas características a exemplo das roupas infantis que copiam o estilo adulto, na linguagem “adultizada”, no desaparecimento da brincadeira espontânea e jogos infantis, bem como o conteúdo exposto em novelas, filmes, etc, onde a informação é apresentada numa forma indiferenciada, cujas facetas levaram a uma proximidade entre o mundo das crianças e o dos adultos, ou seja, crianças “adultizadas” levando, ao “desaparecimento” da infância. Nesse sentido, o autor vê uma volta à situação

medieval, na qual as crianças eram expostas a todas as conversas dos adultos e a artefatos que não lhes eram adequadas.

Ao discutir a erotização precoce das crianças, Postman (1999), afirma que as crianças praticamente desapareceram da mídia e, quando são mostradas, são representadas com forte apelo ao consumo, sobretudo, do consumo de produtos apropriados para o adulto, em quem meninos e meninas se espelham, tais como vestimentas, acessórios, brinquedos, dentre outros, conforme atestamos abaixo:



Figura 1- Crianças à moda adulta.

Fonte <http://www.futilish.com/2011/01/coisas-de-crianca/>

Conforme vemos na imagem acima, em concordância com Postman (1999), o comportamento, a linguagem, as atitudes e os desejos das crianças tornam-se cada vez mais indistinguíveis, ou seja, há uma quebra da linha divisória entre crianças e adultos. Nesse sentido, Postman (1999, p.13) afirma que a inocência e a curiosidade das crianças se transfiguraram “nos traços medíocres de pseudo-adulto”.

Nesse cenário, o uso dos corpos infantis, especialmente os corpos femininos, visibilizados como desejáveis, têm sido uma constante na mídia brasileira, seja através da publicidade impressa ou televisiva, seja através de outdoors ou mesmo programas de TV (novelas, mini-séries, etc). Além disso, esses meios de comunicação permitem o acesso infantil a informações do mundo adulto, afetando drasticamente as vivências infantis, acarretando uma crise da infância contemporânea. Isso faz com que ocorra uma mudança de valores infantis, pois as crianças têm sido alvo de um forte apelo comercial, sendo descobertas como consumidoras de brinquedos, vestuários, acessórios, o que leva a normatização e erotização do corpo infantil, como já falamos.



Em síntese, desde cedo, acontece o fenômeno da adultização das crianças, marcada pelo enfraquecimento entre as fronteiras da infância e da idade adulta, tendo como principal veículo os meios de comunicação, cujo mercado de consumo, por meio dos produtos ofertados e da publicidade, leva as crianças a se aproximarem cada vez mais de comportamentos, atitudes, hábitos e ações típicas de uma vida de adulto, conforme imagem a seguir.



Figura 2- Crianças à moda adulta

Fonte: <http://sergios.com.br/blog/grandes-tendencias-pequenos-estilosos/>

Nestas imagens, as exposições de crianças no mundo da moda referem-se ao incentivo de um comportamento que induz a criança a agir e se assemelhar a um adulto, o que, em nossa compreensão, ocasionado o fenômeno de adultização, o que leva a criança a não só vestir-se como adulto, mas, também, a comportar-se de maneira inadequada a sua idade, o que acaba comprometendo a sua formação identitária.



Figura 3- Crianças à moda adulta

<https://roupas.mercadolivre.com.br/calçados-roupas/tal-mae-tal-filha>



É importante considerar que além das roupas e acessórios inadequados, conforme imagens apresentadas, as crianças são postas em contato com músicas e danças que apresentam um grande teor sexual, levando o corpo infantil a ser vivenciado como fonte de prazer. Diante dessas evidências, é importante reconduzir a criança ao mundo infantil, entendendo que ela tem uma maneira específica de ser e estar no mundo, o que difere da fase adulta, conforme já falamos ao longo deste estudo.

De acordo com Bauman (2008, p.73), “tão logo aprendem a ler, ou talvez bem antes, a ‘dependência das compras’ se estabelece nas crianças. [...] Numa sociedade de consumidores, todo mundo precisa ser, deve ser e tem que ser um consumidor por vocação”. Assim, por meio de produtos e serviços oferecidos a criança, assiste-se a produção de um novo sujeito, ou seja, uma retipificação da criança, o pequeno adulto, conforme podemos ver nos comerciais acima.

Nessas imagens, as crianças mostram-se como consumidores em grande potencial, e com isso, como nos afirma Dornelles (2005, p. 94), “não se consome apenas o objeto em si, mas tudo aquilo que ele possa representar para meninos e meninas, status, conforto, desejos e beleza, saber, poder” (...). Portanto, como educadores precisamos está atentos a isso, porque são esses os sujeitos infantis que permeiam os espaços educativos e trazem consigo características facilmente observáveis em relação à influência exercida pela moda e pelos meios de comunicação.

Só reafirmando, a partir desse cenário em que a entrada de crianças no universo de consumidores é cada vez mais precoce, cabe registrar que nossas crianças deixam de viver sua infância para viver a vida de um adulto, esquecendo até de suas brincadeiras, atividade por excelência no universo infantil.

Sabemos que ao longo de sua história, as crianças têm sido formadas em diferentes espaços, que disciplinam e governam suas ações, como por exemplo, os espaços familiares e as escolas. Para entendermos a produtividade social desses espaços, mostraremos a concepção foucaultiana de poder disciplinar, onde o autor afirma que a disciplina seria uma maneira de se exercer o poder, que comportaria todo um conjunto de elementos, de instrumentos, de aplicação, de alvos.

Em meio a tudo isso, vale ressaltar que as instituições escolares também elaboram estratégias para reconstruir e representar o corpo infantil, pois as mesmas são organizadas de práticas disciplinares que controlam o corpo, fazendo com que se tenha um domínio mais eficaz sobre os mesmos. Foucault (1989) chamava isso de docilização dos corpos. Sendo assim, a escola é uma das

instituições que vai instaurar, em seu funcionamento, as múltiplas verdades sobre o corpo, produzindo um “corpo dócil e educado”. Na concepção de Louro (2004, p.14),

Um corpo escolarizado é capaz de ficar sentado por muitas horas e tem, provavelmente, a habilidade para expressar gestos ou comportamentos indicativos de interesse e de atenção, mesmo que falsos. Um corpo disciplinado pela escola é treinado no silêncio e num determinado modelo de fala; concebe e usa o tempo e o espaço de uma forma particular. Mãos, olhos e ouvidos estão adestrados para tarefas intelectuais, mas possivelmente desatentos ou desajeitados para outras tantas.

Quanto a isso, Foucault (1989, p.119) afirma que “o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe.”. Desse modo, através dos recursos educacionais, a escola usa do poder disciplinar para reprimir o corpo das crianças e jovens os tornando obedientes e dóceis. Isso nos remete a ideia de governo, onde dos espaços em que a criança se encontra acontece o governo de si e o governo de outros. Esse governo na visão de Foucault (1995, p. 244) é entendido como

[...] maneira de dirigir a conduta dos indivíduos ou dos grupos: governo das crianças, das almas, das comunidades, das famílias, dos doentes. Ele não recobria apenas formas instituídas e legítimas de sujeição política ou econômica; mas modos de ação mais ou menos refletidos e calculados, porém todos destinados a agir sobre as possibilidades de ação dos outros indivíduos. Governar, neste sentido, é estruturar o eventual campo de ação dos outros. O modo de relação próprio do poder não deveria, portanto, ser buscado do lado da violência e da luta, nem do lado do contrato e da aliança voluntária [...]; porém, do lado deste modo de ação singular [...] que é o governo.

Assim, compreendemos tanto a mídia quanto a escola como locus privilegiado de adestramento dos corpos, ou seja, máquinas que governam a infância, moldando seus comportamentos fabricando sujeitos que deverão agir conforme a determinação do outro.

## CONCLUSÕES

Os estudos realizados na presente pesquisa, cujo objetivo foi analisar a influência da mídia no processo de normatização e adultização da criança, considerando que, cada vez mais, as crianças são expostas a diversos estímulos pertencentes ao mundo adulto, nos revelou uma reflexão acerca da influência da mídia para com a criança em processo de formação.

Destacamos, dentre tantos fatores, que as crianças estão se apropriando de comportamentos, atitudes, hábitos, responsabilidades e ações típicas de uma vida de adulto, o que nos revela o encurtamento ou o desaparecimento da infância. Temos, no contexto atual, uma infância marcada pelo um modelo idealizado de criança influenciado pelos meios midiáticos, muitas vezes, apresentando-a em uma imagem erotizada, cuja aparência apresenta-se com apelos sexuais, que acabam por antecipar práticas adultocêntricas, impactando na formação das crianças.

É possível dizer, ainda, que não se pode refletir sobre as crianças na sociedade contemporânea sem pensar nos diversos fragmentos culturais que constituem esse novo sentimento de infância, infância marcada pela mídia, pela tecnologia e pelas ofertas de produtos para consumo. No entanto, transformar a criança em um adulto em miniatura nos traz preocupações acerca de práticas pedagógicas, também adultizadas, cujos conteúdos a ela destinados reflete na antecipação da escolarização.

Vale destacar que tanto a mídia quanto a escola constitui-se lócus privilegiado de adestramento dos corpos, ou seja, máquinas que governam a infância moldando seus comportamentos fabricando sujeitos que deverão agir conforme a determinação do outro. Nesse sentido, é importante se pensar a educação escolar para as crianças pequenas, diferente do que está imposto, ou seja, uma educação que desenvolva valores, sentimentos e cidadania, podendo selecionar o que se destina a criança e o que é pertinente ao adulto.

Por fim, esta pesquisa é de suma importância para que se tenha um olhar crítico sobre a influência midiática no comportamento de nossas crianças, em processo de formação, apontando para a necessidade de um olhar cuidadoso para com as experiências proporcionadas às crianças com vistas a promover atividades voltadas para a especificidade e particularidade do mundo infantil, distanciando-as do mundo adulto.

## REFERENCIAS

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2 ed. Trad. Dora Faksman. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo** – A Transformação das Pessoas em Mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

DORNELLES, Leni Vieira. **Infâncias que nos escapam**: da criança na rua à criança cyber. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

FOUCAULT, Michel; **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão** – Trad. Raquel Ramallete – Petrópolis, 1989.

\_\_\_\_\_. **O sujeito e o poder**. In.: RABINOW, P.; DREYFUS, H. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

GOLDEMBERG; Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, 92p.

POSTMAN, Neil. **O Desaparecimento da Infância**. Tradução: Suzana Menescal de A. Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1999.

ROUSSEAU, J. J. **Emílio, ou Da Educação**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.